

## Prefácio

No cotidiano da vida acadêmica, linguistas, como também cientistas de todas as áreas, por vezes nos perdemos nos meandros de nossas pesquisas e não mantemos sempre viva em nossa consciência a noção de que nosso trabalho deve ter, e certamente virá a ter, algum impacto na sociedade. No caso da linguística, creio que muitos de nós nem nos damos conta de que as questões teóricas com que nos vemos às voltas em nosso dia a dia podem vir a ter alguma influência mais incisiva sobre questões sociais e políticas. Entretanto, gostaria de lembrar aqui uma palestra proferida pelo Prof. Izidoro Blikstein, na abertura do Seminário do GEL de 1991, intitulada “Caminhos e descaminhos da linguística indo-européia”. Nessa palestra, o Prof. Blikstein relaciona o surgimento do arianismo, base do nazismo alemão, a uma certa visão que linguistas do século XIX imprimiram ao sânscrito. Segundo Blikstein, Franz Bopp, o grande criador do método histórico-comparativo, ao considerar o sânscrito, língua da raça ariana, como a mais antiga e mais pura, e ao enfatizar seu parentesco com os dialetos germânicos, chega a afirmar, para nosso espanto nos dias de hoje, que “as línguas semíticas são de uma natureza menos (sic!) fina...” (Blikstein, 1991). Essas observações de caráter estritamente metodológico acabaram por assumir um peso considerável no pensamento linguístico da época, servindo de fundamento para alguns mitos relacionados à origem dos povos e das línguas, como os da “raça pura” e “língua pura”. É sabido que uma das aplicações das pesquisas linguísticas é a educação, especialmente no que concerne ao aprendizado de primeira e segunda línguas. Descaminhos da linguística podem, portanto, vir a ter consequências graves em questões educacionais. Isso parece ser o que aconteceu ao longo da história da educação dos surdos. Como salienta McCleary (2003), historicamente, a linguística tem se assentado sobre estudos de textos escritos, e, mais modernamente, tem fundamentalmente concentrado sua atenção na pesquisa sobre a modalidade oral-auditiva das línguas humanas. Aquilo que é considerado definidor do que é uma língua humana tem, portanto, por base, as características dessas modalidades. Isso gerou uma resistência contra a aceitação, por parte dos próprios linguistas, de que línguas de sinais são línguas naturais. Sem dúvida, essa insistência da linguística em negar às línguas de sinais um estatuto equivalente ao das línguas orais é um dos pilares sobre os quais se sustentam certas políticas educacionais de ensino de surdos, que têm se mostrado totalmente equivocadas, e que tanto prejuízo têm causado a eles. Como se vê, então, a linguística não pode ser ingênua e desconsiderar a possibilidade de que suas hipóteses venham a deixar os gabinetes para ter influências mais abrangentes na sociedade. Felizmente, de maneira geral, a linguística tem se mostrado pronta a rever seus equívocos. Hoje em dia, diferentemente do que acontecia no século XIX, não se aceita mais qualquer separação entre as línguas humanas baseada em critérios de pureza ou fineza. Também, no que diz respeito às línguas de sinais, desde meados dos anos 1960, com os estudos pioneiros de William Stokoe sobre a gramática da língua de sinais americana (ASL), a linguística tem mostrado, incontestavelmente, que línguas de sinais são línguas humanas naturais, que, como as línguas orais, são dotadas de uma gramática altamente sofisticada, que emergem espontaneamente em comunidades de surdos, e que são adquiridas naturalmente por crianças surdas a elas expostas. Esse novo rumo tomado pela linguística a respeito das línguas de sinais tem contribuído imensamente para o estabelecimento de uma nova consciência surda. Como diz McCleary (2003), os surdos, apoiados na legitimidade científica da linguística, têm lutado pelo reconhecimento oficial das línguas de sinais e por seu uso na educação. Eis aí, a meu ver, um bom exemplo da grande contribuição que a linguística pode dar para a sociedade: construir uma boa ciência linguística das línguas de sinais e colocar os resultados obtidos à disposição da sociedade, e, em particular, da comunidade surda, para que ela faça deles o melhor uso possível em sua luta por acessibilidade, cidadania e uma educação digna em sua própria língua. Este livro que tenho a honra de prefaciar é uma coletânea de estudos relacionados à gramática da língua de sinais brasileira e à aquisição de português escrito por surdos, que tem o valor de fazer avançar a descrição da língua de sinais brasileira, e, com isso, presta uma contribuição à linguística, à comunidade surda, e à sociedade em geral. A linguística das línguas sinalizadas já avançou o suficiente para que pelo menos duas grandes linhas de pesquisa tenham se delineado: uma delas, mais antiga, foi a grande responsável pela inserção das línguas de sinais na agenda dos estudos linguísticos, e concentra seus esforços na descrição e análise dos aspectos dessas línguas que podem ser considerados eminentemente linguísticos; a outra, mais recente, tem se aventurado a investigar aspectos dessas línguas que as diferenciam das línguas orais, basicamente porque sua forma de expressão está associada à presença e movimentação de um corpo no espaço de enunciação, o que cria, ali, espaços, pessoas e tempos enuncivos. Os artigos que constituem esta coletânea se encaixam na primeira dessas grandes linhas de pesquisa sobre as línguas sinalizadas. Mais especificamente, eles relatam descrições e análises feitas sob a ótica da Gramática Gerativa. Como metaforiza Borges Neto (2004), a linguagem humana é uma floresta, em princípio, impenetrável. Para que ela seja desvendada, são necessários muitos mapas. Esses mapas são as teorias linguísticas. Como os mapas, as teorias delimitam certas áreas do terreno, ressaltam algumas de suas características e apontam os possíveis caminhos que devemos percorrer para vir a conhecê-las. Cada teoria faz, portanto, um recorte da realidade, e cria instrumentos para descrever e explicar todas as peculiaridades pertinentes ao recorte feito. Quanto mais teorias temos à nossa disposição, mais bem chegamos a conhecer nosso objeto de estudo. A Gramática Gerativa tem se mostrado um mapa muito útil para o levantamento de diversos aspectos das gramáticas das línguas humanas, e um instrumento de análise bastante interessante, na medida em que procura explicá-los de maneira a integrá-los dentro de um conjunto de princípios comuns a todas as línguas, conhecido como gramática universal. Nesse sentido, investigar a gramática de uma língua sinalizada como a língua de sinais brasileira seguindo os preceitos da Gramática Gerativa tem a dupla vantagem de jogar luz sobre os fatos dessa língua, e, ao mesmo tempo, mostrar que, na medida em que ela segue os princípios da gramática universal, ela é inquestionavelmente uma língua natural. Os estudos que constituem esta obra tratam de alguns dos temas que são caros à Gramática Gerativa, e que, também, têm sido considerados fundamentais para o entendimento da gramática das

línguas sinalizadas, como a concordância exibida por um grupo particular de verbos; a morfologia de unidades linguísticas muito particulares a essas línguas, chamadas classificadores; a sintaxe da negação; a segmentação do fluxo de sinalização em orações e sua caracterização tipológica; e a aquisição de preposições do português por falantes da língua de sinais brasileira, que é uma língua que, até onde se saiba, não tem um conjunto de preposições funcionais. O Capítulo 1, de autoria das organizadoras da obra – Heloisa Salles e Rozana Naves – traz um panorama dos fundamentos teóricos da Gramática Gerativa e das teorias de aquisição que se desenvolvem em seu âmbito. Sem dúvida, esse capítulo vai ser de grande ajuda para que aqueles que não trabalham com a Gramática Gerativa possam apreciar as discussões levantadas no restante da obra. Vamos a ela! Boa leitura! São Paulo, julho de 2010 Evani Viotti Universidade de São Paulo

Referências Blikstein, I. Caminhos e descaminhos da linguística indo-européia. Anais do XX Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, Franca, SP, 1991. p. 14-19. McCleary, L.E. Technologies of language and the embodied history of the deaf. *Sign Language Studies*, v. 3, n. 2, p. 104-124, 2003. Borges Neto, J. Ensaio de filosofia da linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.